

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA

ARTHUR RAMOS FERREIRA SAMPAIO

A MORTE E A FILOSOFIA.

MACEIÓ

2021

ARTHUR RAMOS FERREIRA SAMPAIO

A MORTE E A FILOSOFIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a coordenação do curso de
Medicina da Universidade Federal de
Alagoas

Orientador: GERSON ODILON PEREIRA

MACEIÓ

2021

TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A
MORTE E O MORRER

TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

Capa

Ana Carolina Vidal Xavier

Foto capa

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

Fotolitos/Impressão/Acabamento

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

Direitos Reservados

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

sarvier

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis
04087-031 – São Paulo – Brasil
Telefone (11) 5093-6966
sarvier@sarvier.com.br
www.sarvier.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos

155.937

2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

A Morte e a Filosofia

Arthur Ramos Ferreira Sampaio
Fernanda de Lima Loureiro
Renata de Sá Barreto Pontes

Desde os primórdios da humanidade, a problemática da morte é uma preocupação para o ser humano e não é diferente na área da filosofia. Muitos estudos filosóficos nasceram da grande preocupação em desvendar os mistérios da vida e da busca por entender teorias, a fim de ajudar numa maior compreensão sobre a morte.

Pensar na morte como algo que pode e deve ser devidamente desvendado seria o desejo de muitas pessoas que a temem. A subjetividade do ato de morrer e o seu desconhecido campo sempre trouxeram anseios e questionamentos importantes para diversos filósofos antigos e contemporâneos. Dos muitos filósofos que a tematizaram, destacam-se três: Sócrates, Schopenhauer e Heidegger.

O que é a morte? Por que as pessoas a temem? O que seria o desconhecido? Esses questionamentos de alguma forma estiveram presentes em discursos e reflexões de Sócrates. Era claro que ele inquiria a razão para temer a morte, já que ninguém sabia o que era: “Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe” (PLATÃO, 1980, p.15).

Sócrates (Séc. IV A.C) defendia que a morte era fundamental, pois permitia que a alma se afastasse da matéria orgânica (corpo) e, assim, esta iria alcançar o verdadeiro significado. Só dessa forma é que o “ser” seria livre para atingir o saber na sua forma pura.

Ele ressaltava que, por esse motivo, os filósofos genuínos estariam prontos para morrer, com a justificativa de que passaram uma vida inteira a preparar a sua alma para a separação do corpo após morte e queriam, mais que qualquer um, conhecer a essência da existência. Eles abriam mão das suas paixões, inclinações e prazeres materiais, pelo motivo de que esses transmitiam a futilidade e o egoísmo da sua existência. De acordo com o filósofo, depois de morrer, o homem é guiado por um génio – “*daimon*” como Sócrates o intitulava – até ao mundo dos mortos, Hades. Seria lá que seriam submetidos ao julgamento final. Posteriormente, os espíritos vagavam pelo submundo até renascerem fisicamente.

Para Sócrates, “ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não sabe?” (PLATÃO, 1980, p.18).

Na concepção socrática, agir com revolta em relação à morte não era um ato sábio; seria estúpido, visto que ninguém sabia ao certo o que era a morte. E se a morte fosse uma passagem para um lugar tranquilo e reconfortante, qual o sentido de ficar deprimido quando alguém morre?

Schopenhauer segue na mesma linha de Sócrates ao dizer que a morte é uma espécie de ilusão. Isso porque só somos mortais aparentemente. Morremos individualmente, porém somos eternos na vontade da natureza que brinca com a morte do indivíduo porque tem conhecimento de que a espécie é eterna e sempre se refaz (Zampieri, 2007). Esse filósofo afirma que a morte é um grande mal e todos nós já nascemos com receio dela.

Essa situação é levada em consideração por ele e outros filósofos, a princípio, inata. Quando um bebê nasce, ele chora demonstrando seu receio pela vida e conseqüentemente pela morte. Entretanto, se ele não chora, o médico já lhe mostra que a vida é dura e cheia de dor, fazendo com que ele inconscientemente deseje voltar a sua vida intrauterina, lugar seguro e que aparentemente não o leva ao caminho da morte.

O medo da morte se origina da vontade de viver. Para explicar esse fato, Schopenhauer justifica que essa vontade é no aspecto da sua objetivação. Ainda segundo ele, o indivíduo é apenas fenômeno, porque existe apenas no conhecimento do princípio de razão, ou seja, para o princípio *individuationis*. De acordo com essa teoria, a pessoa ganha sua vida como um presente inesperado e depois lhe é tomado da mesma forma pela morte. Isso significa que nada é afetado pelo nascimento nem pela morte, nem mesmo o indivíduo que conhece, ou até mesmo a vontade, até porque a morte e o nascimento pertencem ao episódio da vontade.

A diferença entre Platão e Schopenhauer está no fato de que para o primeiro existe a imortalidade da alma, mas para os dois a filosofia pode ajudar a superar o receio da morte. Para Schopenhauer, a morte, considerada o empecilho do mundo por possibilitar grande sofrimento, leva a nós, seres humanos, dotados de reflexão, a refletirmos sobre a vida, e por isso a morte é uma motivadora da reflexão filosófica, assim como oferece grande apoio diante da perturbação que é resultado do pensamento sobre a finalidade da existência.

O enigma da existência é dado como o maior estimulante à reflexão, contudo esse exercício é penoso porque nos deparamos, segundo o filósofo, com a falta de sentido do nascer, viver e morrer num mundo cheio de misérias e discórdias. Schopenhauer, em sua obra “Escritos inéditos de juventude”, escreve: “[...] Ao viver, nos fixamos enormemente à vida (que apenas supõe um longo prorrogamento do cadafalso) para sustentarmos (cevamos diligentemente ao delinquente que deve ser enforcado), e a tudo isto temos que morrer, estamos condenados ao fim (à morte)”.

O filósofo determina o fato de que alguns querem a morte pois desejam fugir do sofrimento inerente à vida, pois o sofrer se dá imediatamente quando o querer encontra empecilhos. O suicídio destruirá apenas o corpo, não a vontade, porque esta permanecerá intacta e, por isso mesmo, o suicídio não soluciona o problema da existência. Questões sobre sofrimento, finitude humana permearam o pensamento do jovem Schopenhauer, visto que, em muitas passagens dos Escritos inéditos de juventude, encontram-se reflexões existenciais. Segundo Jean Lefranc, “[...] com a razão, com a capacidade para a reflexão, nasce a necessidade metafísica, o questionamento do homem sobre a existência de todas as coisas e sobre a sua própria existência”.

Pensar o problema da morte, contudo, implica pensar o do amor, que é captado como amor sexual, pois ambos estão ligados no vir a ser da existência humana, e por isso recebem especial atenção na metafísica imanente de Schopenhauer. A incógnita da existência conduz ao problema do amor, pois a própria existência é fruto do amor.

Heidegger aborda um outro caminho. Ele é o pensador da finitude levada ao extremo. Para ele, o que define o ser humano é ele ser um ser de compreensão, ser no mundo, ser com os outros, ser de linguagem e ser para a morte. A morte é tão fundamental e constitutiva que, ao nascer, temos idade suficiente para morrer. A morte não é algo que nos acontece no fim da vida, mas que nos acompanha sempre com a vida. Ela é hóspede indesejada. Se assim a encararmos, então, diz Heidegger, apesar da angústia antecipatória que esse fato traz, viveremos uma vida autêntica. Afinal, a cada ação, a voz da consciência nos recordará: “tu vais morrer, não disperse a oportunidade de realizar o melhor”.

O pensamento na morte faz o ser humano viver melhor, com metas mais claras. Serve para reavaliar o sentido que damos à existência e nos ajuda a identificar erros que cometemos, principalmente no relacionamento com pessoas importantes. Deveria ser uma reflexão diária, não algo que aflige. Para Platão, “a morte define todos os momentos em que estamos acordados, e talvez também nossas horas de sono”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRANDÃO, Eduardo. – Schopenhauer e o conhecimento. A razão como instrumento da Vontade. – in *Mente, Cérebro e filosofia*. São Paulo, 2007.
2. BRUM, José Thomaz. – O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
3. DEBONA, Vilmar. – Schopenhauer e as formas da razão. O teórico, o prático e o éticomístico. – São Paulo: Anablume, 2010.
4. SHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Unesp, 2005.
5. PEIXOTO, Adão José. **Sócrates, a Filosofia e a questão da morte**. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia. v. 20, n. 9/10, p. 663-682, set..out, 2010.